

UMA ANÁLISE ECDÓTICA DA EDIÇÃO DA “ORAÇÃO AOS MOÇOS” DE RUI BARBOSA

Ana Paula da Silva Freitas (UERJ)

Estou-vos abrindo o livro da minha vida. Se me não quiserdes aceitar como expressão fiel da realidade esta versão rigorosa de uma das suas páginas, com que mais me consolo, recebei-a, ao menos, como ato de fé, ou como conselho de pai a filhos, quando não como o testamento de uma carreira, que poderá ter discrepado, muitas vezes, do bem, mas sempre o evangelizou com entusiasmo, o procurou com fervor, e o adorou com sinceridade. (Rui Barbosa)

O objetivo deste trabalho consiste em fazer uma análise ecdótica das duas edições de “Oração aos Moços” de Rui Barbosa. Para tanto, tomou-se como base uma edição mais recente datada de 2004 pela editora Martin Claret, tendo esta sido organizada a partir da edição de 1956. A outra edição cotejada é exatamente a edição crítica de 1956, publicada pela Casa de Rui Barbosa.

Num primeiro momento, foi feita descrição estrutural das duas edições numa sequência que vai desde a capa, passando pelas folhas de rosto e demais páginas até o final. Essas descrições seguiram alguns itens que compõe o guia básico de descrição proposto por Cambraia, além de outros itens que achei importante mencionar.

Tomou-se o cuidado, para que as descrições fossem feitas seguindo aparecem dentro das respectivas edições. Logo, alguns desses itens aparecerão ora em caixa alta ora em caixa baixa, em negrito ou normal.

Num segundo momento, foram sinalizadas as convergências e divergências entre as duas edições no concernente às inserções e supressões, paginação, títulos, paragrafação, ortografia, tamanho de fonte e cor realizadas pela edição da editora Martin Claret.

Por último, sinalizo a importância da crítica textual como mantenedora, preservadora e divulgadora dos valores culturais da

sociedade e anexo cópias das duas edições aqui cotejadas para efeitos de comprovação do objeto de estudo desta monografia.

1. Introdução

A preocupação com a edição dos textos antigos e modernos de um povo é um índice seguro de seu profundo sentido de cultura e de patriotismo, pois a memória se preserva nos textos que se perpetuam através das diversas formas de edição. (SILVA, 2005, p. 36)

Sabemos, desde há muito, que a cultura e a memória de uma dada sociedade se perpetua através de seus costumes, de sua língua, de seus textos, enfim, do seu patrimônio cultural. A preservação deste, principalmente no que se refere ao material escrito, é de extrema importância para uma sociedade que necessita conhecer sua história. Segundo Cambraia (2005, p. 19):

Assim como se restauram pinturas, esculturas, igrejas e diversos outros bens culturais da humanidade, a fim de que mantenham a forma dada por seu autor intelectual, igualmente se restauram os livros em termos tanto físicos [...] quanto de seu conteúdo. [...] publicado novamente, contribui-se também, assim, para a transmissão e preservação desse patrimônio.

É nesse ínterim que entra em cena o filólogo, cuja tarefa social consiste em salvar os textos da destruição material, ou seja, livros que se encontram desgastados pelo tempo e principalmente na função de conservar o sentido primeiro do mesmo. Como bem sabemos, as bibliotecas também atuam dentro desse sentido de preservar os textos, porém priva a sociedade ao acesso dos mesmos por se tratar de textos extremamente raros, em que cujo acesso é privilégio de poucos.

Sobre o papel do filólogo, Lausberg (1981) citado por Pereira (2005, p. 31) afirma que:

Através da crítica textual, em que o filólogo-editor vigia para que o teor original dos textos seja preservado ou restabelecido, e através da busca de documentos inteiramente perdidos. [...] alterações sociais, culturais, linguísticas, econômicas e numerosas outras produzem certas difi-

culdades na interpretação do verdadeiro sentido dos textos mais antigos, motivo pelo qual o filólogo é convocado para prestar os seus serviços.

Dentro da tarefa social dos filólogos, no que concerne aos textos de uso repetido Lausberg afirma que os mesmos são encarregados de vigiar a tradição litúrgica e literária da comunidade. Para tanto, elenca três campos concêntricos, a saber: *tarefa central* (conservar o sentido do texto), *integração dos textos* (atua como organizador ou editor) e *tarefa básica* (que é salvar os textos da destruição). Silva (2005, p. 610) alude às várias formas de se salvaguardar esses documentos. A saber:

a) Numa sociedade sem escrita o filólogo ocupa o lugar de professor que deve transmitir os textos à memória da nova geração desta sociedade. Também depois de a sociedade ter adotado a escrita mantém-se este encargo do filólogo para intensificar de maneira aviventadora a tradição.

b) Depois da introdução da escrita o filólogo conserva os textos numa biblioteca pública e cuida de que multipliquem por cópias. Daqui resulta a tarefa da crítica textual cuja função original consiste na vigilância sobre as cópias feitas na própria oficina da biblioteca. Mas, o filólogo pode estender esta tarefa às cópias produzidas nas oficinas das bibliotecas. Como a divulgação de um texto, conforme o cálculo das probabilidades, leva à variação flabeliforme do seu teor, a crítica textual se esforçará em reconhecer este fenômeno para assim, poder restabelecer o teor original do referido texto.

c) Visto que também os textos inteiros se podem perder, a tarefa de conservatória do filólogo pode-se estender ao redescobrimento de textos perdidos, mas conservados na memória de comunidades menos conhecidas (por exemplo, no caso do descobrimento de romances espanhóis entre judeus no Norte da África) ou em bibliotecas e depósitos (covas no Mar Morto, montões de entulho no Egito).

Dentro de outra divisão, Segismundo Spina afirma que esses princípios da crítica textual, estão relacionados à função substantiva da filologia, a qual estaria reservada à ecdótica dentro da organização material e formal de um texto com vistas à publicação.

Filologia, linguística, ecdótica e crítica textual

Nas mais diversas culturas surge periodicamente a tendência para considerar o mundo como um texto, e, conseqüentemente, o conhecimento do mundo é equiparado à análise filológica desse texto: à leitura, à compreensão e à interpretação. (LOTMAN e USPENSKIJ, 1973, *apud* SILVA, 2005, p. 84)

O termo filologia, desde a Grécia antiga, já apresentava sentidos diversos como registra o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, significando “*amor às letras, instrução, erudição, literatura, palavrório*” o que gerava divergências entre muitos autores. Dentro de um sentido mais restrito seria entendida como a crítica dos textos (o estudo dos textos para sua fixação e interpretação); em sentido mais amplo, entendida como a ciência que abarcaria um complexo de disciplinas ligadas ao estudo de língua e literatura, incluindo-se nesse rol a Linguística, a Teoria da Literatura e a própria crítica textual. (JERÔNIMO, 2006).

A linguística, definida como o estudo científico da linguagem humana, *a priori*, tomou por base os textos antigos, desenvolvendo a gramática histórica; *a posteriori*, o exame da língua corrente. Já a filologia se ocupou da língua através dos textos de uso repetido, literário. A partir do século XIX, distinguiram-se dois campos do saber: o da linguística, sincrônica e descritiva; o da filologia linguística histórica, diacrônica; e crítica textual ou filologia textual ocupando-se da edição de textos. (SANTOS, 2005)

Outro termo que causa confusão é a ecdótica que para alguns é sinônimo de crítica textual e, para outros, fase final do estabelecimento e edição, publicação dos textos. Para outros é tida como a ciência geral dos textos, sendo a crítica textual uma de suas partes integrantes.

De acordo com Cambraia (2005) a crítica textual é vista como campo do conhecimento que trata da restituição da forma genuína dos textos, de sua fixação e estabelecimento; e a ecdótica o campo do conhecimento que engloba o estabelecimento de textos e a sua apresentação, isto é, sua edição.

Logo, o que se percebe, é que todas elas tratam de um mesmo objeto, porém sob perspectivas diferentes. Como bem salientou Saussure que seria o ponto de vista que criaria o objeto.

2. *Da transmissão dos textos*

A cada cópia que se faz de um texto, a constituição deste muda – seja por ato involuntário, seja por ato voluntário de quem o copia. (CAMBRAIA, 2005, p. 1)

São inúmeras as modificações que os textos pode sofrer ao logo de seu processo de transmissão, seja pela corrupção do material (exógena), seja pelo próprio processo de reprodução de sua cópia em um novo suporte material (endógena). Este último tipo de modificação podem ser autoral – quando realizada pelo próprio autor – e não autoral quando sem o desconhecimento do autor. Estas subdividem-se em involuntárias quando ocorrem por lapso de quem reproduz o texto e voluntárias, por questões ideológicas ou mesmo por questões de censura ou atualização.

Como bem sabemos, cada registro de um texto constitui um testemunho, sendo classificados em manuscritos ou impressos, sendo estes registrados por algum tipo de sistema mecânico de impressão. Podendo ser divididos em datiloscrito – registrado através da máquina de escrever- e digitoscrito – por meio de computador.

•

2.1. Estabelecimento do texto

Para determinar o texto ideal, o editor faz uso das normas estabelecidas por Karl Lachmann e desenvolvidas por seus sucessores no concernente à fidedignidade do texto, as quais se apoiam nas regras da natureza das variantes, passando pelas etapas da recensão e correção.

A recensão se constitui de duas etapas: a primeira chamada de classificação em que irá localizar e reunir todos os testemunhos e a segunda chamada de colação, etapa essa em que se comparam os di-

versos testemunhos, ou no caso de impressos, as edições para se localizarem os lugares-críticos. A estemática constituirá numa subfase que determinará a relação lógica entre os mesmos.

A correção, ou *emendatio*, ou, em uma abordagem mais moderna, “reconstituição”, é a fase que consiste na verificação dos erros ou no levantamento de conjecturas (presunções) quando da impossibilidade absoluta de correção segura com base nos documentos.

3. A produção do livro

Antes da invenção da imprensa, um texto muito divulgado e muito lido é, necessariamente, um texto que foi copiado muitas e muitas vezes. (SPAGGIARI & PERUGI, 2004, *apud* SILVA, 2005, p. 15)

- Desde a invenção do papel, pelos chineses, datada de 100 anos d. C aproximadamente e ao aumento do mesmo em função da invenção da imprensa no século XV, que o surgimento do livro impresso e sua produção foi acelerada e aumentada. Em princípio, esses primeiros livros no formato impresso, tentavam imitar a letra manuscrita. Porém, os leitores preferiam os livros impressos por serem mais legíveis.
- O livro consistia num caderno, que por sua vez, nada mais era que a reunião de bifólios obtidos pela dobra de folhas. A sequência destas, para o leitor é dada pela paginação e para o encadernador era indicada pelas assinaturas e pelos reclames que ordenavam e sequenciavam as folhas até o momento de sua encadernação. Já o formato, baseava-se na altura e largura das mesmas. Os primeiros livros impressos, a partir do século XV, foram chamados de incunábulo (do latim *incunabulu* – “berço”) os quais seriam as primeiras produções em tipografia.
- A ciência que irá estudar a história e a composição dos livros impressos enquanto objeto material é a chamada bibliografia material, a qual observa, descreve e interpreta os elementos bibliográficos traçando a história da produção e

circulação do livro. Segundo Cambraia (2005, p. 30) os itens que compõem um guia básico para sua descrição são:

- **Identificação:** nome do autor; título da obra; nome do editor; local de publicação; nome da editora e data de publicação.
- **Folha de rosto:** transcrição.
- **Colofão:** transcrição
- **Suporte material:** tipo de papel; linhas d'água; filigrana.
- **Composição:** número de fólhos ou de páginas; número e estrutura dos cadernos; formato e dimensão dos fólhos.
- **Tipografia:** dimensão da mancha; número de colunas; número de linhas; espécie e dimensão dos tipos; capitulares; numeração; reclamos; assinaturas.
- **Particulares:** decorações; ilustrações; marcas especiais.
- **Encadernação:** tipo, dimensão; material; natureza e cor da cobertura; decoração; texto na capa; nervos no lombo.
- **Conteúdo:** identificação das partes do texto por página.
- **Exemplar examinado:** cota e nome da instituição detentora.
- Descrições prévias: bibliografia.

3.1. O livro impresso

- O termo edição, de acordo com Cambraia (2005), é o conjunto de impressos obtidos através de um sistema de reprodução mecânica, geralmente em série. Cada um desses im-

pressos é denominado exemplar. Já uma mesma leva de reprodução mecânica dá-se o nome de tiragem.

A reimpressão ou nova tiragem ocorre quando a mesma matriz utilizada para imprimir uma leva é reutilizada em uma nova leva. Do contrário, quando uma nova matriz é composta para impressão de um novo conjunto de exemplares tem-se uma nova edição ou reedição.

- No sistema artesanal de produção do livro, essa prática era mais demorada de modo que havia várias etapas para a confecção do mesmo. Hoje, devido as grandes tecnologias de edição, essa prática se resume a impressão em offset³⁷, alceamento³⁸ e encapamento. Outros elementos e funções poderão entrar na composição do livro como um acréscimo ao valor do produto e à capa, como: plastificação, relevos, pigmentação e outros acabamentos.
- No que concerne ao texto moderno o editor poderá optar pela reprodução fac-similar ou offset, sendo este menos dispendioso do que a recomposição tipográfica. Esse tipo de recurso, segundo o autor, “ (...)contribui para a eliminação das edições de baixa qualidade, ao mesmo tempo em pode fornecer textos menos corrompidos.” (LAUFER, 1980, p. 34)

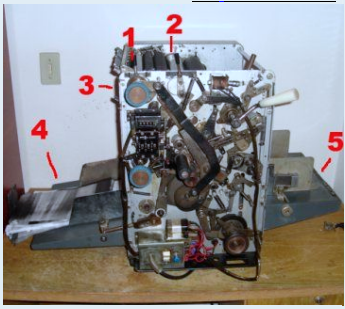
Veja quadro comparativo entre a produção artesanal e a moderna do livro, na tabela da página seguinte.

³⁷ A impressão offset (no Brasil chamado também de ofset) é um processo planográfico cuja essência consiste em repulsão entre água e gordura (tinta gordurosa). O nome off-set - fora do lugar - vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir a superfície. Este método tornou-se principal na impressão de grandes tiragens (a partir de 1.000); para menores volumes, porém, sua utilização não compensa, já que o custo inicial da produção torna-a proibitiva. (fonte: *Wikipédia*)

³⁸ Alceamento é o arranjo das folhas de forma a ficarem na ordem correta para encadernação. E também depois, o arranjo dos cadernos para formar um livro. (fonte: *Wikipédia*).

3.2. Tipos gerais de edição

Sabemos, a priori, que a preferência de uma edição a outra depende das solicitações do mercado. A edição destinada ao leitor especializado contém pormenores que configura em complexos aparatos, diferentemente de outro tipo de edição destinada ao leitor culto, que não necessariamente especializado, comporte mais do que breves notas, além de uma linguagem menos rebuscada e com uma simples e clara introdução. Isso, porque dentro da qualidade de leitor, ambos apreciarão de formas diferentes o texto.

<i>Produção artesanal do livro</i>	<i>Processo de prod. moderno do livro</i>
• 1º fase: <u>Composição</u> - O <u>1.1 caixotim</u> - O <u>1.2 componedor</u> - O <u>1.3 tipo</u> - O <u>1.4 galé</u> - O <u>1.5 entrelinha</u> - O <u>1.6 chapa</u> - O <u>1.7 rama</u> - O <u>1.8 fôrma ou matriz</u> • 2º fase: <u>impressão</u> - O <u>2.1 mármore</u> (mesa em que era colocada a fôrma) - O <u>2.2 bala</u> (fôrma) - O <u>2.3 platina</u> (peça plana de ferro revestida de almofada)	• <u>O Processo</u> - O <u>1.1 Gravação da chapa</u> - O <u>1.2 Montagem</u> - O <u>1.3 Impressão</u> • <u>2 Produção da chapa</u> - O <u>2.1 Fotogravura</u> - O <u>2.2 DTP ou CTP</u>
 <i>Uma tipografia do século XV, Xilogravura de Jost Amman, 1568</i> (fonte: Wikipédia)	 Impressora offset vista lateralmente * 1 - tinteiro, onde é colocada a tinta para offset * 2 - Rolo conhecido como "bailarina" * 3 - Local onde fica a água para a molha * 4 - saída do papel * 5 - entrada do papel (bandeja de alimentação) NOTA: a mesa envergada mostra que apesar de ser uma impressora de mesa pelo seu reduzido tamanho, ela é bastante pesada, sendo necessário duas pessoas para carregá-la. (fonte: Wikipédia)

Logo, existem diversas formas de tornar acessível a todos um texto que pode ser organizado segundo a categoria que o caracteriza. À luz da ecdótica “*como a técnica de editar textos*”, relacionarei suas seis categorias com base em Cambraia (2005), e destacarei algumas segundo sua relevância para análise deste trabalho.

Dentro de uma primeira categoria, que se *baseia no material*, temos uma subcategoria de dimensão do livro as edições: compacta, diamante/liliputiana/microscopia e de bolso, esta que é reduzida de modo a caber no bolso; e uma outra subcategoria quanto à qualidade do suporte podendo ser de luxo ou popular, esta compactada em papel comum e vendida a preço acessível.

Dentro da categoria no que concerne ao *sistema de registro* temos as edições digital/eletrônica/ virtual e impressa que é editada por tipo móvel.

Dentro da categoria que se *fundamenta na publicação*, têm-se edições: princeps/príncipe, limitada, extra/extraordinária e comemorativa.

Dentro da categoria que se baseia *na permissão do autor*, têm-se edições autorizada ou clandestina/espúria/fraudulenta/pirata.

Dentro da categoria de *integralidade do texto* temos edições: abreviada e/ou integral quando há a reprodução por inteiro de um texto, ou seja, sem supressões.

Dentro da categoria de *reelaboração do texto* textos as edições: revista, atualizada, ampliada/aumentada e/ou modernizada, quando se trata de um novo texto que foi inspirado no primitivo.

3.3. Tipos fundamentais de edição

Para a escolha dos tipos fundamentais de edição, há que se levar em conta as edições anteriores e principalmente, o público-alvo a que se almeja.

Os tipos fundamentais de edição são divididos em *monotestemunhais*, quando baseadas em apenas um testemunho ou *politestemunhais* quando do confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto.

Do conjunto que integram as *edições monotestemunhais*, além da paleográfica e da diplomática, destacamos a fac-similar e a interpretativa.

A *edição fac-similar* possui um grau zero de mediação, sendo reproduzida através de meios mecânicos como fotografia, xerografia, escanização e confere maior grau de autonomia e liberdade de interpretação do testemunho. Já a edição interpretativa pode atribuir um grau máximo de mediação admissível, ou seja, o texto passa por um forte processo de uniformização gráfica e as conjecturas vão além das falhas óbvias o que permite apresentar o texto de forma mais acessível a um público amplo.

No tocante às *edições politestemunhais*, a *edição crítica* terá como objetivo reconstituir a última forma que seu autor havia dado, através do confronto de mais de um testemunho, geralmente apógrafos. Quanto à edição genética, ela parte de textos originais a fim de registrar as anotações que precederam a edição definitiva do texto pelo autor, ou seja, seu processo evolutivo.

3.4. Dos princípios norteadores (CAMBRAIA, 2005, p. 109-111)

Como já foi aludido neste trabalho, os tipos de edição atendem a finalidades específicas. Logo, um mesmo conjunto de normas utilizadas para um determinado tipo de edição não o será para outro e vice-versa. O que se espera, na verdade, é que um dado tipo de edição mantenha e siga sempre as mesmas normas. Portanto, para que se tenha certa linearidade é necessário que se utilize “*um conjunto de princípios que devem reger a constituição de um conjunto de normas que se adéque a cada tipo.*”

Em primeiro lugar, as normas *devem ser apropriadas ao tipo de edição*, uma vez que, como cada tipo de edição atende a uma finalidade, as normas conservadoras não seriam compatíveis com edições destinadas ao público em geral e as que possuem normas atualizadoras não seriam adequadas a edições para certos especialistas, tendo em vista que seu objetivo é a análise da linguagem do texto nos mais variados níveis, o seu apagamento tornaria impraticável a investigação.

Em segundo lugar, as normas *devem ter coerência interna* quando de modo contrário acabariam por invalidar a edição como um todo, impedindo que o leitor exigente pudesse fazer uso adequado do texto.

Em terceiro lugar, as normas *devem ser explícitas*, ou seja, não devem exigir que o leitor suponha ou mesmo adivinhe os procedimentos nele adotados, uma vez que apenas quem teve acesso ao modelo seria capaz de sabê-lo.

Em quarto lugar, as normas *devem ser aplicadas rigorosamente*, ou seja, em todas as situações em que a norma for aplicável, deve-se aplicá-la.

Como percebemos, as formas de transcrição e suas diferenças estão diretamente ligadas à fidelidade do modelo. Fidelidade esta que, por um lado, poderá conservar ou mesmo reproduzir suas características originais e, por outro, apagá-las através de um processo de uniformização de variantes gráficas. No entanto, nos dois casos, faz-se necessário determinar como serão transcritos os elementos do modelo e conhecê-los em profundidade.

4. Cotejo das edições de “Oração aos moços” de Rui Barbosa

4.1. Editoras: Casa de Rui Barbosa e Martin Claret

Para efeitos de identificação das duas edições cotejadas, designarei por letras maiúsculas **CRB** a edição da **Fundação Casa de Rui Barbosa** e **MC** a edição da editora **Martin Claret**, a fim de não deixar dúvidas sobre o objeto em análise.

4.1.1. Edição CRB

- **Capa externa:** Não possui imagem, apenas tons em branco, azul-marinho e azul claro imitando uma aquarela.
- **Lombo:** em couro azul-marinho, contendo seis nervos com detalhes em dourado. No rótulo consta nome do autor em caixa alta (RUI BARBOSA) e florão contendo o nome da obra (ORAÇÃO AOS MOÇOS).

- **Duas folhas** em branco (papel cartolina amarelo)
- **Capa interna**, sofreu processo de reencadernação. RUI BARBOSA/ Oração aos (*verde*)/ Moços (preto). (fontes Eras Demi ITC 14 e Maiandra GD 26 e 48) – NOVA EDIÇÃO (fonte 8)/ CASA DE RUI BARBOSA (fonte 14)/ 1956 (fonte 8)
- **Uma folha em branco** (papel cartolina amarelo).
- **Falsa Folha de rosto**: Oração aos Moços (fonte 12 Times New Roman)
- **Verso da Falsa Folha de rosto**: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA/CASA DE RUI BARBOSA/ORACÃO AOS/ MOÇOS/ DE/ RUI BARBOSA/ NOVA EDIÇÃO/ seguida de uma Tábua das divergências/ entre o Manuscrito e a edição definitiva./ Estabelecimento do texto e notas de/ ADRIANO DA GAMA KURY/ Em apêndice fac-símile das últimas/ provas da edição PRINCEPS./ RIO DE JANEIRO – 1956.
- **Folha de rosto**: RUI BARBOSA/ Oração aos (*verde*)/ Moços (preto). (fontes Eras Demi ITC 14 e Maiandra GD 26 e 48) – NOVA EDIÇÃO (fonte 8)/ CASA DE RUI BARBOSA (fonte 14)/ 1956 (fonte 8)
- **Verso da Folha de rosto**: Biblioteca Casa de Rui Barbosa/ 08 novembro/ Nº 29 de 1967. (carimbo)
- **SIGLAS**/ M – Manuscrito (existente na Casa de Rui Barbosa)./ D – Edição da revista *Dionysos* (1921)./ C – Edição comemorativa do Centenário, que reproduz o fac-símile da cópia datilográfica (mandada publicar, em 1949, pela Reitoria da Universidade de São Paulo)./ N – Edição Nacional de 1949./ (*figura de uma estrela*)/ As notas de Rui Barbosa vêm assinaladas com (*); as do responsável por esta edição, numeradas e entre colchetes.
- **Verso da folha que contém as SIGLAS**: ÍNDICE /PÁGINA/ Advertência desta edição XIII/ Prefácio XVII/ Apenso XXXV/ *Oração aos Moços* 1/ TÁBUA das diver-

gências entre a redação do manuscrito existente na Casa de Rui Barbosa e a definitiva da edição *Dionysos* 89/ APÊNDICES/ Documentos para a história da Oração aos Moços 65/ Fac-símile das 3ª provas da edição *Dionysos*,/ revistas por Rui Barbosa 73/ Perfil biográfico 125 (p.127)

- **ADVERTÊNCIA DESTA EDIÇÃO** (nome do autor ao final) (p.XIII)
- **PREFÁCIO** (nome do autor ao final) (p.XVII)
- **APENSO** (nome do autor ao final) (p.XXXV)
- **Falsa folha de rosto:** Oração aos (*verde*)/ Moços (preto). (fontes Eras Demi ITC 14 e Maiandra GD 26 e 48)
- **Início do texto:** texto (p.3-87)
- **TÁBUA** (título)
- **TÁBUA/** das divergências entre a redação do Manuscrito existente na Casa de Rui Barbosa e a definitiva da edição *Dionysos*. (segue o texto)
- **APÊNDICES** (folha papel seda com brilho/ cor rosa chá)
- Documentos/ para a história da/ ORAÇÃO AOS MOÇOS/ Do arquivo da CASA DE RUI BARBOSA.
- **Fac-símile** das 3.ª provas da /edição “*Dionysos*”, revistas / por RUI BARBOSA (fonte 14 Times New Roman)
- **Calofão:** ÊSTE LIVRO/ FOI COMPOSTO E IMPRESSO/ NAS OFICINAS DA/GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA,/ LUIZ FRANCO/ RUA VISCONDE DO RIO/ BRANCO, 33/RIO
- **Encerramento com três folhas em branco** – papel cartão amarelado
- **Encadernação:** Encadernado com um tipo de papelão mais pesado e mais rígido que o papelão colado. O papelão de massa única é um papelão sólido, feito de pasta na espessura total em uma única operação. Possui acabamento interno,

chamado guardas³⁹, em papel quadriculado cor azul. O livro é composto por: papel cartão, papel seda com brilho e papel cartolina. Possui 210 páginas, medindo 16 cm x 25 cm.

4.1.2. Edição MC

- **Capa:** traz fundo alaranjado, tendo na parte superior o nome da coleção a que se insere a obra COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR. Logo abaixo, no canto superior direito a figura de Rui Barbosa e no canto superior esquerdo a figura do manuscrito do discurso proferido, como paraninfo, da turma de 1920 da Faculdade de Direito de São Paulo. Logo abaixo, o título (em cinza) ORAÇÃO/ AOS MOÇOS / *Rui Barbosa* / TEXTO INTEGRAL/ MARTIN CLARET.
- **Lombada:** Traz o mesmo seguimento de cores da capa, contendo o título da obra, o nome do autor e o número de ordem da referida obra na coleção.
- ORAÇÃO AOS MOÇOS. *Rui Barbosa* 122
- **Orelhas** (cont. capa): Traz o título (em cinza), nome do autor, texto e nome da editora. O Texto das orelhas esclarece sobre o papel do livro como objeto de liberdade e poder; explicações sobre a coleção e do formato em que se apresenta o livro. Tudo num fundo branco e em letras fonte Times New Roman normal 12 justificado. Trata-se de um texto único que ocupa as duas orelhas.
- **Falsa folha de rosto:** O livro se inicia por uma falsa folha de rosto, contendo o título ORAÇÃO AOS MOÇOS em linhas alternadas, sendo “oração” na primeira linha e “aos moços” na segunda, em caixa alta, fonte Times New Roman normal e fontes 26 e 18 em negrito com destaque para as letras O, M e S com fonte 26; o nome do autor *Rui barbosa* em caixa baixa, fonte Monotype cursiva 16 em itálico e em

³⁹ São as folhas dobradas que se põem no começo e no fim do livro encadernado, unindo a capa ao volume

negrito, na terceira linha. Em seguida, já na quarta linha, têm-se os dizeres TEXTO INTEGRAL em caixa alta, fonte Times New Roman normal 08. O alinhamento dos quatro itens acima é centralizado. – No canto inferior direito, carimbo redondo: ABDR da Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos, editora afiliada.

- **Segunda falsa folha de rosto:** Traz o texto escrito numa caixa emoldurada e fundo preto, cujas letras escritas em caixa baixa, fonte Times New Roman normal 10 na cor branca justificado e título em caixa alta na mesma cor e fonte, porém centralizado. O texto traça os objetivos, a filosofia e a missão da editora Martin Claret.
- **Folha de rosto:** Traz a mesma estampa da capa, porém em preto e branco.
- **Ficha catalográfica:** (créditos) verso da folha de rosto– © Copyright Editora Martin Claret, 2004 / IDEALIZAÇÃO E /COORDENAÇÃO/ *Martin Claret* / CAPA/ Ilustração/ *Cláudio Gianfardoni* / MIOLO/ Revisão/ *Ana Cristina Teixeira* /*Eliana de Fátima Rodrigues* / Projeto Gráfico/ *José DuarteT. De Castro*/ Direção de arte/ *José DuarteT. De Castro*/ Digitação/ *Conceição A. Gatti Leonardo*/ Editoração Eletrônica/ Editora Martin Claret/ Fotolitos da Capa/ OESP/ Papel/ Off-set, 70g/m².
- **Colofão:** Impressão e Acabamento/ *Paulus Gráfica* / Editora Martin Claret – Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré/ CEP 01254-010 – São Paulo – SP/ Tel.: (0xx11) 3672-8144 – Fax.: (0xx11)36737146/ www.martinclaret.com.br/ Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores – pessoas físicas e jurídicas – que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro./ Este livro foi impresso na primavera de 2004.
- **Prefácio:** A história do livro e a coleção “A Obra-Prima de Cada Autor”/ Martin Claret (p. 07)
- **Advertência desta edição** / ADRIANO DA GAMA KURY (p.13)

- **Prefácio** / EDGARD BATISTA PEREIRA (p. 15)
- **Apenso** / CARLOS PINTO ALVES (p. 23)
- **SIGLAS**/ M – Manuscrito (existente na Casa de Rui Barbosa)./ D – Edição da revista *Dionysos* (1921)./ C – Edição comemorativa do Centenário, que reproduz o fac-símile da cópia datilográfica (mandada publicar, em 1949, pela Reitoria da Universidade de São Paulo)./ N – Edição Nacional de 1949. (p. 26)
- **Início do texto**: Oração aos Moços (título) e texto na mesma folha. (p. 27-63)
- **Apêndices**/ DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA ORAÇÃO AOS MOÇOS/ DO ARQUIVO DA CASA DE RUI BARBOSA (**fontes 12 e 10 Times New Roman**)
- *FAC-SÍMILE DAS TERCEIRAS PROVAS*/ DA EDIÇÃO *DIONYSOS*,/ REVISTAS POR RUI BARBOSA.
- PERFIL BIOGRÁFICO / Rui Barbosa (**p. 123**)
- **Índice** / Advertência desta edição 13/ Prefácio 15/ Apenso 23/ Oração aos Moços 27/ APÊNDICES/ Documentos para a história da Oração aos Moços 65/ Fac-símile das 3ª provas da edição *Dionysos*,/ revistas por Rui Barbosa 73/ Perfil biográfico 125 (p.127)
- 122 . COMPLEMENTO DE LEITURA
- RELAÇÃO DOS VOLUMES PUBLICADOS
- Suporte material, Composição, Tipografia e encadernação: capa em papel cartão fosco no processo de policromia. Conteúdo em papel off-set, 70g/m², pergaminho. O livro é composto por 136 páginas, tamanho 11,5 cm x 18,5 cm. O processo de encadernação é feito a partir da justaposição dos quatro cadernos, contendo em torno de oito folhas cada um, dobradas ao meio e, em seguida, costuradas. Ao final, recebem um processo de colagem sendo finalizado com a capa em papel cartão ou “*flexicover*” (intermediária entre a capa dura e a brochura).

5. *Observações gerais entre as edições*

5.1. *Estrutura externa: capa, orelha e contracapa*

A capa da edição MC traz ilustrada em cores o retrato de seu autor – Rui Barbosa- e ao seu lado o manuscrito que deu início à obra, trazendo em destaque o título “Oração aos Moços” em letras garrafais, quase ao centro, e no início da página o nome da coleção da edição em caixa alta e fonte menor. As orelhas trazem informações sobre a importância do livro dentro da sociedade e a proposta da coleção. A contracapa informa sobre o autor e da obra em si. O material que compõe o livro é maleável e de fácil manuseio devido a sua dimensão.

A edição CRB, por ter sido reencadernada, não traz ilustrações em sua capa. No entanto, parte do seu título, o qual seria “Oração aos” apresenta-se na cor verde. Pelo que consta, segundo orientações de um funcionário da Casa de Rui Barbosa, a terceira folha que compõe o livro, em papel cartão, trata-se da capa do original que foi anexada quando no processo de recuperação da mesma. O material que compõe a obra é mais rígido.

5.1.1. *Estrutura interna: inserções e supressões*

No concernente ao conteúdo que compõe a obra MC, percebe-se a inserção de alguns itens que não constam na edição CRB, como a segunda falsa folha de rosto que contém os objetivos, a filosofia e a missão da editora Martin Claret. Outrossim, o primeiro prefácio com as informações sobre a história do livro e da coleção “*Obra prima de cada autor*”. Além da inserção do perfil biográfico do editor, do complemento de leitura sobre o autor e a obra e a relação de volumes publicados pela mesma.

As supressões que se verificam dentro da edição MC são das folhas em branco que iniciam e encerram a edição CRB e das folhas de rosto cujos versos constam separadas, carimbo do Ministério da Cultura e carimbo da biblioteca. A supressão mais relevante é quanto a Tábua das divergências entre a redação do manuscrito existente na Casa de Rui Barbosa e a definitiva da edição Dionysos constatadas na edição CRB.

Vale ressaltar, que a edição CRB traz os títulos dos “Apêndices”, “Documentos para a história da *“Oração aos Moços”* separados de seu texto funcionando como um “capítulo” que abrirá o texto. Na edição MC, nessas duas primeiras folhas os títulos aparecem junto aos seus textos.

Ainda com relação às supressões, verifica-se na edição MC que o título *“Oração aos Moços”* consta na mesma página que compõe o texto, divergindo da edição CRB que configuram em páginas separadas com título em cor verde.

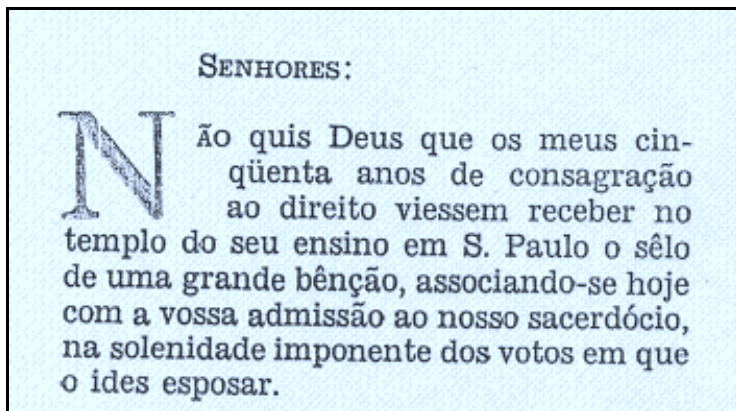
5.2. Das alterações: Paginação, título, paragrafação e ortografia

Na edição CRB, a paginação das partes intituladas por “Advertência desta edição”, “Prefácio” e “Apensos” trazem a numeração em romanos, no topo da página à direita, com início em XIII e término XXXVII. O que não ocorre na edição MC, cujas páginas são enumeradas de treze a vinte e cinco em algarismos arábicos e centralizadas no pé de página.

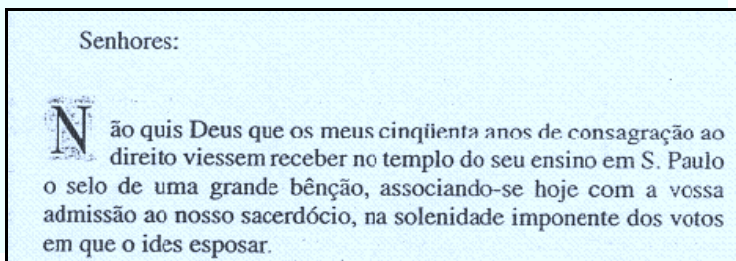
Ainda com relação aos títulos “Advertência desta edição”, “Prefácio” e “Apensos”, na edição CRB os autores assinam o texto ao final do seu texto. Já na edição MC verifica-se o deslocamento desses autores para o início do texto, centralizando-se logo abaixo do título. O mesmo ocorre, dentro da mesma, com o título principal *“Oração aos Moços”* que na edição CRB antecede o texto numa folha à parte.

Quanto a paragrafação, na edição MC há um aproveitamento quase que total das margens esquerda e direita em letras de tamanho em torno de doze. O que não ocorre na edição CRB, em que se verifica o aproveitamento parcial das margens. O texto se configura quase que centralizado, tendo por tamanho de fonte em torno de quatorze como verificaremos abaixo:

5.2.1. Edição CRB



5.2.2. Edição MC



A ortografia, na edição MC aparece atualizada de acordo com as normas vigentes a fim de facilitar não só a leitura, mas também a fluência do texto. Ressaltando que esta edição é datado de 2004 e a edição CRB de 1956. Transcrevo alguns exemplos que constam do Prefácio de Edgard Batista Pereira nas duas edições

Edição CRB	Edição MC
Obra d'Arte	Obra de arte
Êle/ Êsses	Ele/ Esses
Mínguam	Minguam
Acêrca	Acerca
Sobre/ Tôda	Sobre/ Toda
Agôsto	Agosto
Regímen	Regime
Modêlo	Modelo
Sôbre	Sobre
Esmêro	Esmero

6. Outras observações

Quanto ao posicionamento em que aparecem os textos, divergem nas duas edições. Se levarmos em consideração apenas as folhas com o seu verso e não as páginas numeradas, verificaremos que, com relação a folha de rosto, índice, calofão ou créditos apresentam-se da seguinte forma:

6.1. Edição CRB

Têm-se duas primeiras folhas em branco, seguida da terceira folha a qual seria a suposta capa (em papel cartolina). A folha de rosto constaria na sexta folha, seguida pelas siglas na sétima folha. Nesta, em seu verso, verifica-se o índice. O calofão, o oposto da edição MC, viria na penúltima folha da obra.

Com relação ao tipo de fonte e seu tamanho, a edição MC segue uma linearidade, salvo a parte que consta dos volumes publicados pela editora em letras menores. As edições, manuscritos e apêndices que constituem a obra mantêm suas características. Aparecem, apenas, em formato reduzido por ter passado pelo processo de fac-similação ou cópia para que se adequasse ao tamanho estrutural do livro.

A edição CRB difere dos itens relacionados acima, uma vez que cada texto que o compõe preserva características próprias de

seus autores. O texto “*Oração aos Moços*”, por exemplo, sobressai nos aspectos relacionados à grafia e tamanho de fonte quando comparado a edição MC e os outros textos que compõem a obra como um todo.

6.2. Edição MC

A folha de rosto consta na terceira folha, tendo em seu verso os créditos. Na décima terceira folha, especificamente em seu verso, as siglas. Na sexagésima quarta folha o índice.

7. Observações finais

O primeiro ponto a ser observado quando da comparação das duas edições é quanto a proposta das mesmas em face ao seu público leitor. A edição MC, cuja proposta consiste em oferecer aos leitores, livreiros e professores obras literárias de grande importância que a muito haviam sido esgotadas. Seu objetivo primeiro é oferecê-las em formato de bolso a preços acessíveis sem perder de vista a qualidade das mesmas.

Para atrair esse público, as editoras adequam essas obras ao gosto e preferências de sua clientela, baseado nos princípios norteadores para normas de edição. Como não poderia deixar de ser diferente, a editora Martin Claret diante do compromisso que assume frente aos mesmos em difundir a educação e a cultura insere a “*Oração aos moços*” sob o número 122 na “Coleção A Obra Prima de Cada Autor”.

Embora a essa obra traga em sua capa a informação de se tratar de um texto integral, verificou-se na íntegra que partes foram suprimidas, outras acrescentadas, além, é claro, das atualizações ortográficas que precisaram ser feitas para que se enquadrasse dentro desse tipo de edição. Com alta qualidade gráfica e a preços acessíveis, com a coleção A Obra-Prima de Cada Autor, cuja proposta é de 500 títulos, dos quais a editora já publicou 300 volumes. Grande parte desses títulos são recomendados ou adotados em escolas, faculdades e vestibulares justificados pelo “slogan” de serem produzidos com o melhor papel do mercado e todos terem acabamento costura-

do, capa em papel cartão e plastificação fosca. Ou seja, só muda o formato (10 % menos de área impressa), o acabamento é igual aos livros tradicionais que custam mais do que o dobro, como salienta a própria editora.

A importância, sobretudo, desse feito é o fato de mais e mais pessoas terem acesso àquelas obras raras ou esgotadas que circulam em mãos “escolhidas” ou mesmo que se encontram trancafiadas em verdadeiros “cofres” pelas bibliotecas por se tratarem de tesouros raros.

Por outro ainda, atua como resgate e preservação da identidade cultural de uma sociedade que se perpetua por meio sua literatura, de sua arte, de sua língua, de seu povo.

Como bem alude Silva (2005), “*A preocupação com a edição dos textos antigos e modernos de um povo é um índice seguro de seu profundo sentido de cultura e de patriotismo, pois a memória se preserva nos textos que se perpetuam através de diversas formas de edição.*”

A Fundação Casa de Rui Barbosa, em resposta à minhas solicitações de pesquisa para confecção deste, informou-me por correspondência eletrônica a preparação pelas pesquisadoras (Laura, Marta e Soraia) da Pesquisa Ruiano vol.48, tomo 2, 1921 das Obras Completas de Rui Barbosa, onde estará o discurso “*Oração aos moços*” com uma nota introdutória e as notas originais do discurso do autor. Logo, contém informações importantíssimas que não constam nas obras aqui analisadas. O que reforça, mais uma vez, a importância da crítica textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: Princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; [Brasília]: INL, 1986.

BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Nova Edição. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1956.

BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. São Paulo: Martin Claret, 2004. (Coleção A Obra Prima de Cada Autor).

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIAS, Elizângela. A produção do livro impresso e os reclames. In: *filologia e ecdótica. Cadernos do CNLF*, vol. X, Nº 09: CIFEFIL, 2006. p.63-74.

HOUAISS, Antonio. *Elementos de bibliografia*. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: INL, 1983.

JERÔNIMO, Maria Cristina Antonio; MARTINS, Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues. A filologia como crítica textual e as acepções que norteiam o conceito de autoria. In: *filologia e ecdótica. Cadernos do CNLF*, vol. X, Nº 09: CIFEFIL, 2006. p. 51-61.

LAUFER, Roger. *Introdução à textologia: Verificação, estabelecimento, edição de textos*. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 35-84.

MENDES, Marlene Gomes. *Edição crítica em uma perspectiva genética de As três marias de Rachel de Queiroz*. Niterói: EDUFF, 1998.

SILVA, José Pereira da. A ecdótica: Arte e técnica da edição de textos. In: SILVA, José Pereira da. *Crítica textual e edição de textos*. Rio de Janeiro: O Autor, 2005. p. 25-29.

_____. A edição de textos como preservação da cultura e da história de um povo. In: _____. *Crítica textual e edição de textos*. Rio de Janeiro: O Autor, 2005. p. 31-36.

_____. O medievalismo na edição científica de textos brasileiros. In: _____. *Crítica textual e edição de textos*. Rio de Janeiro: O Autor, 2005. p. 113-129.

SANTOS, Rosa Borges dos. A filologia textual e a Linguística. In: SILVA, José Pereira da. *filologia e ecdótica. Cadernos do CNLF*, vol. X, Nº 09: CIFEFIL, 2006. p. 37-50.

CIA, de Patrícia. Versões "pocket" tornam livros de arte e de fotografia mais acessíveis. Disponível em:
<<http://diversao.uol.com.br/ultnot/2008/01/10/ult4326u595.jhtm>>.
Acesso em: 07 mar. 2008.

LIVRO DE BOLSO. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_bolso>. Acesso em: 07 mar. 2008.

OFFSET. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Offset>>. Acesso em: 08 mar. 2008.

<http://www.martinclaret.com.br>. Acesso em: 08 mar. 2008.